

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Miguel Leite Ferrari

**A desconstrução do mito da experiência da guerra:
uma análise da obra de Emilio Lussu.**

Rio de Janeiro, dezembro de 2022.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Miguel Leite Ferrari

**A desconstrução do mito da experiência da guerra:
uma análise da obra de Emilio Lussu.**

Monografia apresentada à Graduação
em História da PUC-Rio como
requisito parcial para obtenção do grau
em Licenciatura em História.

Orientador:

Prof. Dr. Maurício Barreto Alvarez Parada

Rio de Janeiro, dezembro de 2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Miguel Leite Ferrari

Rio de Janeiro, ____ de ____ de ____.

Professora MARIA TEREZA DE MENDONÇA ALMEIDA

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Professora DIANA CORRÊA BANDEIRA DE MELO

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Professora GEÓRGIA GOMES VICENTE

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Agradecimentos

Agradeço inicialmente à minha família por apoiar e acreditar em mim, por todas as experiências contadas que aguçaram minha curiosidade pelo tempo passado, mas especialmente pela educação, amor e carinho que me proporcionaram e proporcionam até hoje.

Ao professor Maurício Barreto Alvarez Parada, por ter sido meu orientador e ter desempenhado tal função com dedicação, me ajudando a encontrar o meu tema e ter me auxiliado nesta trajetória.

Aos meus colegas de curso, com quem convivi intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como formando.

À professora Larissa Rosa Corrêa, a quem sou eternamente grato por me aceitar no programa PIBIC, me dando a oportunidade para aprender a fazer pesquisas em bases de dados.

À instituição de ensino PUC-Rio, essencial no meu processo de formação profissional, pela dedicação, e por tudo o que aprendi ao longo dos anos de curso.

Aos professores e funcionários do Departamento de História da PUC-Rio que estiveram presentes na construção e desconstrução do meu conhecimento.

“I am young, I am twenty years old; yet I know nothing of life but despair, death, fear, and fatuous superficiality cast over an abyss of sorrow. I see how peoples are set against one another, and in silence, unknowingly, foolishly, obediently, innocently slay one another.”

Erich Maria Remarque, All Quiet on the Western Front

Resumo

Esse trabalho monográfico apresentado para obtenção do grau em Licenciatura em História desenvolve uma análise do livro “Um ano sobre o altiplano” do escritor Emilio Lussu, utilizando conceitos como o mito da experiência da guerra, o irredentismo e a literatura de dissidência, e apresentando figuras importantes como o poeta Gabriele D’Annunzio para contextualizar o seu caráter histórico e seu legado como expoente do pensamento antifascista. A partir de livros e artigos de jornais históricos, busca-se a contextualização do caráter histórico do livro, demonstrando assim o seu verdadeiro legado para a historiografia contemporânea.

Palavras-chave

Guerra, irredentismo, masculinidade, mito da experiência da guerra, antimito.

Abstract

This monographic work presented to obtain the degree in Degree in History develops an analysis of the book "A year on the altiplano" by the writer Emilio Lussu, using concepts such as the myth of the war experience, irredentism and the literature of dissent, and presenting important figures such as the poet Gabriele D'Annunzio to contextualize his historical character and his legacy as an exponent of antifascist thought. From books and articles of historical newspapers, we seek to contextualize the historical character of the book, thus demonstrating its true legacy for contemporary historiography.

Keywords

War, irredentism, masculinity, myth of the war experience, anti-myth.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. A Itália, sua unificação, seus movimentos de expansão territorial e O seu mito da experiência da guerra.....	11
1.1 A unificação da Itália e suas consequências	11
1.2 ‘Itália Irridenta’, o irredentismo da Itália	18
1.3 Gabriele D’Annunzio e os intervencionistas.....	18
1.4 O Mito da Experiência da Guerra.....	18
2. A análise da obra ‘Um ano sobre o altiplano’ de Emilio Lussu.....	20
2.1 Quem era Emilio Lussu?	20
2.2 O livro de Emílo Lussu e suas características principais	23
2.3 Os soldados, os oficiais e a literatura de dissidência.....	28
3.	32
CONCLUSÃO.....	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40

.....

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

.....

41

Lista de Imagens

Introdução

Como um dos eventos mais importantes para a compreensão da história da sociedade humana moderna, a Primeira Guerra Mundial, conhecida na época como a Grande Guerra, foi um conflito que ninguém esperava durar tanto e infligir tamanho derramamento de sangue, sendo a causa de episódios como a ascensão do primeiro regime comunista na União Soviética, a queda de impérios como a Alemanha e o Otomano, a fundação da Liga das Nações e muito mais. Como tal, a sua memória desenvolveu-se fortemente ao longo das décadas, com nações do pós-guerra como a Alemanha Nazista e a Itália Fascista que utilizaram os seus recursos para modificar a imagem do que verdadeiramente aconteceu naqueles quatro anos, criando uma ilusão onde a experiência que os soldados tinham passado nas trincheiras era construtivo para eles e para sua sociedade, algo que eles usariam para espalhar suas vertentes ideológicas pela população, se entrancheando no controle do país.

Como o objetivo era criar um legado novo e positivo do conflito, promovendo sua própria visão dela e suplantando qualquer oposição na construção da memória da guerra, os métodos mais importantes que os governos nazifascistas utilizaram foram à supressão de qualquer pessoa que discordasse da

versão oficial e a utilização de escritos de soldados de origens respeitadas que acreditavam sinceramente na perspectiva totalitária e, ao serem promovidos por meio de propaganda, tornou-se sucesso de público e parte da versão oficial do governo. No entanto, enquanto a maioria desses escritos foram feitos por apoiadores dessa visão, muitos foram contra, com esta monografia dando atenção a um dos autores menos conhecidos que merece mais importância devido à sua escrita concisa e realista, além de nadar contra a maré do seu tempo: Emilio Lussu, um italiano que lutou na frente alpina contra a Áustria-Hungria e que mais tarde escreveu ‘Um ano sobre o Altiplano’ no final da década de 30.

Emilio Lussu é um dos mais importantes autores da Primeira Guerra Mundial, que escreveu as suas experiências de 1916 a 1917 na frente alpina, mais concretamente no planalto do Asiago, que o próprio nome indica, ser uma zona repleta de montanhas, tornando o combate difícil e imprevisível, completamente diferente de qualquer outra frente de guerra. Dentro de sua obra, ele diz ao leitor que o que ele apenas retratou foi a vida e a morte no conflito sem nenhum filtro ideológico, afirmando que não permitiu que suas experiências recentes influenciassem seu livro. No entanto, vários aspectos de seu livro justificam o questionamento dessa visão, inclusive o que sua publicação, apesar de dizer o contrário, serve para recortar a imagem idílica da guerra pelo mito da experiência da guerra, ferramenta amplamente utilizada pelos fascistas de seu país. Assim, o principal problema de pesquisa desta monografia é descobrir como o livro de Lussu serve como um exemplar do pensamento antifascista, questão que precisa ser respondida para lhe ser dada a devida atenção.

Porém, para que seja possível compreender o autor e sua história, juntamente com a questão do mito na Itália, é necessário apresentar ao leitor diversos temas que, se não forem abordados, tornam este trabalho incompleto, e dificultam a compreensão dos pensamentos de Lussu para os leitores, como a história da Itália desde o início do seu processo de independência e unificação, os problemas que ela enfrentava antes da guerra, a forma que muitas pessoas acreditavam ser a resposta, a doutrina do irredentismo na Itália, suas principais características, objetivos, base de sustentação, os personagens principais como o icônico poeta Gabriele D'Annunzio, e seus detratores. Todos esses pontos são extremamente importantes para entender áreas como a psique de Lussu, sua

formação antes da guerra, como ele foi influenciado por esses pontos, como sua experiência com o derramamento de sangue do conflito o influenciou, as diferenças entre aqueles que lutaram nas trincheiras e os de trás comandando, a razão pela qual o mito se expandiu tão rapidamente na Itália e como o irredentismo e suas características faziam parte das diretrizes do mito e auxiliaram sua disseminação pela Itália.

A razão pela qual escolhi este tema é pelo meu interesse pela Primeira Guerra Mundial, descobrindo a obra de Emilio Lussu enquanto pesquisava livros de soldados que lutaram nas trincheiras e depois escreveram suas autobiografias, detalhando suas experiências. O fato de ter escrito sobre a Frente Italiana, uma das áreas menos conhecidas da guerra, apenas tornou seu livro ainda mais interessante do que outros autores cujas autobiografias são bem conhecidas e estudadas em trabalhos de pesquisa como Ernst Jünger da Alemanha e Robert Graves do Reino Unido. Explanadas as razões pessoais pelas quais escolhi especificamente a obra de Lussu como base para esta monografia, cabe esclarecer o quanto ela será importante para a sociedade e para a comunidade científica: ela irá servir para elucidar sobre o desenvolvimento do pensamento antifascista ao mesmo tempo em que o livro causa uma quebra da visão idílica do conflito que os fascistas propagavam através do uso do mito da experiência da guerra. Assim, ao utilizar a obra de Emilio Lussu como um expoente crucial da época, que continua a ganhar, ao longo das décadas, cada vez mais relevância nos círculos intelectuais, eu consigo demonstrar a não existência de uma perspectiva homogênea da guerra, algo que o regime fascista da Itália tentou muito criar. Dessa forma, a minha hipótese é que o livro de Lussu é uma obra cujo caráter é antifascista, um verdadeiro ‘anti-mito’ da literatura italiana.

Ao longo da minha pesquisa, utilizando documentos encontrados em bases de dados e por livros sobre a Itália na Primeira Guerra Mundial, trabalhei com os seguintes objetivos: analisar o livro de Emilio Lussu e descobrir a forma de como ele serve de exemplar do pensamento antifascista; retratar sobre a Itália que ele vivia, o seu processo histórico, os problemas que sofria; explicar sobre o Mito da Experiência da Guerra, as suas origens, seu desenvolvimento e como ele foi utilizado pelo governo fascista de Benito Mussolini; e expor sobre o que foi o irredentismo, seus objetivos principais, seus apoiadores, detratores e os

intervencionistas como Gabriele D'Annunzio. Assim, para poder trabalhar sobre todos esses temas, a metodologia deste trabalho tem como base uma pesquisa básica e descritiva, procurando por livros e artigos de jornais que trabalhem sobre esses pontos para poder fazer assim uma monografia bem elaborada.

No primeiro capítulo eu explico vários tópicos que são importantíssimos para entender o contexto do Lussu, iniciando no primeiro subcapítulo ao retratar, dando ênfase no processo revolucionário italiano no século XIX e os problemas que o país estava enfrentando no período até a Primeira Guerra, dando uma base para decifrar as condições que levaram a Itália a entrar no conflito. Já no segundo subcapítulo, eu introduzo ao leitor a doutrina do irredentismo, do que ela se trata, como ela foi influenciada pelo processo revolucionário, quais eram as camadas da sociedade italiana que eram seus maiores apoiadores e detratores e o motivo disso. Ao fazer essa abordagem, estou demonstrando uma linha de pensamento que foi importante tanto para o país se juntar ao conflito, como para a educação de Lussu e de muitos outros jovens italianos, criando nesse ponto diferenças entre as pessoas na guerra que Lussu irá abordar com frequência em seu livro.

Tendo explicado sobre as características principais dessa doutrina, eu revelo quem eram os líderes que apoiavam os ideais do irredentismo, que se uniram no ideal pró guerra apesar das suas diferenças, dando ênfase na figura mais enigmática desse grupo, aquele que com suas obras e discursos psicóticos levou milhares a apoiar a entrada da Itália na guerra: Gabriele D'Annunzio. Para pôr fim a todo esses aspectos que influenciam o livro de Emilio Lussu, eu explico o que foi o mito da experiência da guerra, as suas origens, suas características principais, como ele foi amplificado pela carnificina da Primeira Guerra Mundial e como, no pós-guerra, ele foi utilizado principalmente pelos governos nazifascistas e a razão de seu uso.

Com o primeiro capítulo completo, eu começo o segundo capítulo ao explorar no primeiro subcapítulo sobre quem foi Emilio Lussu, a sua trajetória desde criança até o momento que ele escreveu o livro no exílio em Paris, apresentando como ele foi afetado por fatos apresentados no capítulo anterior e que o tornavam diferente do comum. Tendo feito isso, no segundo subcapítulo eu apresento sobre as características principais do livro, apresentando fatos que tornam a sua icônica

como o estilo que ele foi escrito, a forma que as situações rotineiras eram apresentadas, o uso de objetos como o conhaque para demonstrar a irracionalidade vivida naquele momento.

Para terminar, e a parte mais importante que utiliza fatos apresentados desde o início do primeiro capítulo, eu apresento sobre os dois principais grupos cuja relação é um dos principais temas de Lussu, dos soldados e os oficiais, utilizando principalmente o mito da experiência da guerra e o irredentismo para retratar da questão principal desta monografia, demonstrando como a obra de Emilio Lussu serve como exemplar do pensamento antifascista.

1. A Itália, sua unificação, seus movimentos de expansão territorial e o seu mito da experiência da guerra

1.1 A unificação da Itália e suas consequências

Por mais de mil anos, a península italiana foi um conglomerado de estados politicamente fragmentados, cada um com seus interesses e rivalidades. Diferentemente de outros povos da Europa, os italianos historicamente se identificaram com suas respectivas cidades-estados em oposição a uma nacionalidade italiana distinta. Devido a isso, eles regularmente travavam guerra uns com os outros, optando por se alinhar não com seus compatriotas italianos, mas com potências estrangeiras, permitindo que a Itália se tornasse um playground da Espanha, da França e do Sacro Império Romano. Esse estado de coisas continuaria pelos séculos seguintes, até a chegada explosiva de Napoleão à península italiana.

A chegada e conquista da França não apenas redesenhou o status político da Itália, mas também trouxe os ideais do liberalismo fomentados pela Revolução Francesa. Esses novos ideais, que incluem o conceito de nacionalismo, se espalharam por toda a península italiana e, apesar da derrota de Napoleão e da

restauração do cenário político no Congresso de Viena, o movimento nacionalista italiano surgiria e só continuaria crescendo ao longo dos anos, principalmente após a Áustria ter ganhado o controle da Lombardia e da Veneza, ter seus estados subordinados da Toscana, Medina e Parma restaurados e manter uma aliança firme com o Reino das Duas Sicílias. Em suma, os austríacos receberam a soberania sobre a Itália, algo que eles iriam usar para suprimir qualquer forma de revolta, criando por sua vez um efeito dominó, pois o número de revoltas aumentou rapidamente nesses anos.

O único estado que não estava sob a influência da Áustria e, por sua vez, lideraria o processo de unificação italiano, era o Reino da Sardenha, tendo como capital a cidade de Turim, que com o tempo se tornou o mais industrializado e liberal dos estados italianos. Sob a liderança do pragmático Camillo Benso, o Conde de Cavour, a Sardenha começou a lutar pela unificação da Itália, derrotando a Áustria na Segunda Guerra da Independência Italiana com assistência francesa, integrando a Lombardia e os estados subordinados dos austríacos do norte da Itália previamente mencionados, juntamente com o territórios de Nápoles e Sicília que o famoso herói Giuseppe Garibaldi tomou, derrubando a monarquia Bourbon das Duas Sicílias.

Mesmo após a morte de Cavour, o processo de unificação, o 'Risorgimento', continuou, com o novo Reino da Itália logo ajudando a Prússia na Guerra Austro-Prussiana com o objetivo de continuar o processo, e apesar do terrível desempenho italiano na Terceira Guerra de Independência Italiana, tendo sofrido desde já problemas que o exército italiano iria sofrer também na Primeira Guerra, a Itália conseguiu obter a região do Vêneto dos austríacos, deixando apenas os Estados Papais como o último obstáculo para realizar o sonho. Isso, por sua vez, ocorreria alguns anos depois, quando na Guerra Franco-Prussiana, as tropas francesas que serviam de guarnição do Papa deixaram Roma, deixando-a aberta para a Itália conquistá-la, com a península italiana inteira sob o controle do novo Reino da Itália marcando o fim do Risorgimento.

Finalmente, o sonho do nacionalismo italiano estava concluído, com o Reino da Itália controlando toda a península italiana. No entanto, apesar desse sucesso, o novo governo teve que enfrentar uma série de problemas que mesmo

quando a Itália entrou na Primeira Guerra Mundial, mais de quatro décadas depois, não teriam sido resolvidos, continuando a causar problemas para o país. A primeira questão foi a da criação de uma nacionalidade italiana porque, apesar do enorme apoio que a população deu durante o processo de unificação, especialmente na Terceira Guerra de Independência Italiana, existiam muitas diferenças entre as regiões da Itália devido ao período longínquo de fragmentação, seja no dialeto, na industrialização e educação. Um exemplo disso é o fato de um italiano de Veneza e um da Sicília não entenderem o dialeto um do outro, mostrando que todos esses séculos de divisão política não seriam resolvidos em poucas décadas. A necessidade de criar uma identidade nacional unificadora, onde as diferenças províncias seriam desmanteladas, foi uma preocupação constante para o novo estabelecimento, que procurou diversas formas para ligar os italianos, encontrando no Irredentismo e no nacionalismo o que acreditavam ser a solução. Para completar, a citação de Massimo d'Azeglio, um dos principais líderes do Risorgimento, feita em 1860, no alvorecer da unificação italiana, resume toda essa questão: “Fizemos a Itália. Agora devemos fazer italianos”.

Outro grande problema que continuaria a assolar o novo país nas décadas anteriores à Primeira Guerra Mundial e que mais tarde mostraria uma das razões de seu despreparo para o conflito era que, apesar de seu tamanho, a Itália era um país pobre que ainda se baseava na agricultura, com sua base industrial sendo minúscula em comparação com as outras nações da Europa, apesar dos esforços de industrialização dos sucessivos governos da Itália. Devido a isso, a Itália foi considerada a menor das grandes potências, que continuou lutando para alcançar seus rivais, pois sua fraqueza econômica a tornava somente capaz de atingir, dentre as nações da Europa, apenas seus rivais austro-húngaros no que diz respeito à fabricação de aço, cuja produção interna era insuficiente para uma guerra em grande escala, de encouraçados, para desafiar o controle dos mares, e armas para equipar seu exército. Como pode ser visto no gráfico abaixo, a Itália era completamente inferior em comparação com nações como os Estados Unidos, Grã-Bretanha, Alemanha e França, ficando muito atrás.

Country	Number of Troops	Army Expenditure (in Millions of Pounds Sterling, Current Prices)
Germany	606.866	36,6
Austria-Hungary	361.770	17,6
Italy	221.085	9,7
France	575.000	28,0
Russia	1.100.000	39,4
Britain	209.460	29,2
Turkey	280.000	7,8

Para completar o tópico anterior, a agricultura na Itália tinha um papel extremamente importante na sua economia, com a maior parte da população ativa trabalhando nela. Não só isso, embora o setor agrícola italiana tivesse seus pontos fortes em produtos como seda, azeite e hortaliças, ele não podia garantir a autossuficiência do país em alimentos básicos, fazendo a Itália ser obrigada a importar de outros países para sustentar sua população, deixando-a em desvantagem se seu parceiro comercial não pudesse sustentá-la, como foi o caso com a Rússia na Primeira Guerra Mundial, que a Itália na época importava grandes quantidades de cereais, mas foi impedida de receber os produtos devido ao fechamento do Estreito de Bósforo pelo Império Otomano. No livro de Mark Thompson¹ “The White War: Life and Death on the Italian Front 1915 – 1919”, ele apresenta ao leitor a situação da Itália em relação ao seu despreparo para uma grande guerra e os problemas que enfrentava naquele período:

“A classe média era muito pequena: apenas 5% da população. Cerca de 40 por cento trabalhavam na terra (havia 9 milhões de trabalhadores agrícolas com seus dependentes, vivendo em nível de subsistência), e 18 por cento eram artesãos ou trabalhadores industriais. Os indicadores de saúde estavam em níveis pré-industriais. A economia era principalmente agrícola, com baixa produtividade porque a agricultura não era modernizada, exceto no norte. Assim, o país não era autossuficiente em alimentos básicos, importando três vezes

mais trigo do que produzia. Sem reservas de carvão ou ferro, a Itália tinha pouca indústria pesada; ferro e aço, química e engenharia estavam começando, mas os têxteis e alimentos ainda eram os pilares de um setor que também era limitado pelo baixo investimento e más condições de trabalho – embora graças aos sindicatos militantes, os salários industriais tivessem aumentado constantemente desde 1890. Mesmo com esse crescimento recente, a Itália não estava alcançando França, Alemanha ou Estados Unidos. As empresas eram pequenas ou muito pequenas: 80% eram completamente não mecanizadas e empregavam de duas a cinco pessoas. A maioria dos italianos tinha apenas uma vaga noção do Estado; suas vidas eram locais e regionais por dialeto, costume, trabalho e experiência” (THOMPSON, 2010, tradução nossa).

Um problema muito importante era o fato de que, embora o processo de unificação italiana tenha contado com o grande apoio de idealistas como Giuseppe Mazzini, um dos primeiros porta-vozes revolucionários que lutou toda a sua vida pela causa do nacionalismo italiano, e de muitas outras pessoas de todas as camadas da sociedade, que escolheram lutar por uma Itália unida, os compromissos decorrentes da criação do Estado garantiriam que as velhas elites, como a corte, a aristocracia latifundiária e as classes profissionais, nos anos seguintes à unificação, continuassem a manter o poder, garantindo que seus interesses não estariam ameaçados por nenhuma tentativa de transformação do sistema político ou da cultura. Este fato causaria problemas internos, pois a maioria da população não teria o direito de votar ou ser ouvida nos assuntos do Estado, enquanto uma pequena camada da sociedade detinha o poder e decidia os rumos da Itália no cenário interno e mundial. No livro de Mark Thompson, ele mostra como Mazzini se sentiu sobre a situação perto do fim de sua vida:

“O executivo, escreveu ele perto do fim de sua vida, governava com “uma política de expedientes, oportunismo, dissimulação, intriga, reticência e compromisso parlamentar característico da vida lânguida das nações em decadência”. Como líderes dissidentes em outros tempos e lugares, ele foi atormentado pelos meios baixos que os políticos usavam para alcançar um grande propósito, por sua própria impotência (diferente da estatura moral) e pela relutância lenta das pessoas comuns em se levantar contra seus opressores, fossem eles estrangeira ou doméstica. Visionário, cadavérico, vestido de preto, Mazzini na velhice parecia mais espírito do que homem, mantido vivo por

uma vontade ardente de sustentar a fé do povo na autodeterminação. Ele queria um Estado forte, mas transformado pelo idealismo revolucionário”.

Por fim, o último problema que estava impregnado na Itália desde o seu início e que causaria graves consequências durante a Primeira Guerra Mundial foi o fato de que o exército italiano não aprendeu as lições das terríveis derrotas em 1866, com os fatores mais importante que demonstram isso sendo a segregação entre os soldados e os oficiais, com os primeiros sempre pertencendo das classes mais baixas como camponeses, que em sua grande maioria tinham sido recrutados forçadamente devido ao recrutamento obrigatório, e os últimos sendo pessoas das classes mais abastadas, sua grande maioria voluntários, que tinham uma visão completamente romântica do exército e de uma guerra. Não só isso, a questão de suprir o exército também era crítica, com as forças militares italianas sendo muito atrasadas em armas, equipamento, roupas, ou seja, o exército não se mostrava organizado e apto o suficiente, demonstrando uma letargia e fraqueza que estaria evidente na chacina da Primeira Guerra. Mesmo tendo todos esses problemas para enfrentar, os líderes italianos ansiavam por vitórias espetaculares para apagar a memória amarga das derrotas de 1866 e atingir o status de grande potência, fazendo com que a possibilidade da Itália entrar numa grande guerra não ser somente uma probabilidade e sim uma certeza.

1.2 'Italia Irridenta', o irredentismo da Itália

O Irredentismo, doutrina dos movimentos populares ou políticos que reivindicam e buscam ocupar territórios considerados 'perdidos' ou 'ocupados' para a nação, era uma ideia bastante conhecida nas nações da Europa antes da Primeira Guerra Mundial, com os exemplos da região da Alsácia-Lorena para a França e Grande Sérvia para a Sérvia sendo o mais reconhecível do período. Na Itália, o Irredentismo tem sua base no fato de que mesmo depois de três guerras contra os austríacos para unificar os italianos sob um estado, áreas onde os povos nativos se consideravam de etnia italiana ou formavam uma maioria ou minoria substancial como Tirol do Sul e Trentino, não foram incluídos nos acordos de paz,

permanecendo sob a égide austro-húngara após a Terceira Guerra de Independência Italiana em 1866.

Esse fator faria o Irredentismo existir mesmo após a conclusão do Risorgimento, pois na Itália, na mente de homens como Giuseppe Mazzini e Giuseppe Garibaldi, grandes líderes do movimento nacionalista italiano que levaram o Risorgimento a sua conclusão, ainda havia muitos italianos que precisavam ser libertado e as "fronteiras naturais" da Itália ainda estavam fora do alcance. Para muitos, o Irredentismo seria a resposta para os problemas que o novo país da Itália estava enfrentando naquele período, e para os nacionalistas desiludidos e enojados com a politicagem do governo, como Valentino Coda, um veterano da Grande Guerra que se tornou posteriormente um líder fascista, que em suas próprias palavras afirmava que para uma nação que nasceu em tão pouco tempo e carecia de tradições unitárias, o Irredentismo era a única fonte de ação patriótica, apesar dos esforços da burguesia e dos socialistas para sufocá-la.

O principal objetivo do irredentismo italiano, cunhado a partir do slogan *Italia irredenta*, 'Itália não redimida', era 'resgatar' as terras consideradas por muitas pessoas como as 'fronteiras naturais' da Itália, a justificativa de que territórios do Trieste e a porção meridional do Tirol eram desde os tempos de Roma parte do território da Itália, sendo indispensáveis para a segurança, proteção e prosperidade do país. Não só isso, na questão territorial, também existiam outras vertentes desse pensamento que clamavam não só o 'resgate' dessas terras para a Itália, alguns 'sonhadores' também aspiravam pelo controle do Mar Adriático, clamando pelo controle das regiões da Gorizia, Ístria e a Dalmácia, vendo aquela região ao redor locais que deviam estar sob o jugo italiano e que faziam parte da esfera de influência da Itália.

Entretanto, como todas essas terras faziam parte do Império Austro-Húngaro, elas permaneciam fora do alcance dos irredentistas, com esse fato sendo considerado uma grande afronta e vergonha, pois deixava a Áustria-Hungria em condições de ameaçar Veneza em caso de guerra e fechava a Itália do que muitos acreditavam ser a barreira defensiva da Itália, os Alpes. No livro de Mark Thompson, ele apresenta dois nacionalistas italianos que se opõem veementemente à fronteira que existia na época. O primeiro foi Paolo

Fambri, um homem de Veneza que lutou como voluntário em 1859 e que mais tarde se tornou deputado no parlamento e um jornalista prolífico que ridicularizou a fronteira em todas as oportunidades:

‘Fambri definiu o problema pelo seu essencial. O que é uma fronteira? Pode ser literal (um rio) ou simbólico (um poste atravessando uma estrada), mas entre estados com poder e talvez vontade de ameaçar um ao outro, deve ser sólido, “uma força e não uma formalidade”. Os Alpes devem servir a Itália como suas muralhas. Em vez disso, eles cercam o país como um muro. Quanto à nova fronteira perto do Isonzo, “uma linha mais irracional e caprichosa nunca foi imposta pela arrogância ou concedida pela mais abjeta fraqueza”. Não havia nenhum conceito coerente histórico, étnico, físico, político ou militar por trás disso. Assim como a segurança da Itália no norte era refém do Tirol, sua segurança no leste estava ameaçada por três grandes brechas naturais nos Alpes Julianos: de Tarvis até Villach (hoje no sul da Áustria); em Görz (agora Gorizia) e no vale do rio Vipacco (agora Vipava, na Eslovênia), até Laibach; e até a costa de Fiume e Trieste. A Itália não poderia estar segura sem controlar todo este território (...)’. (THOMPSON, M., Pg. 23)

O segundo é Giulio Caprin, nacionalista de Trieste, que também desprezava a fronteira: “a nova fronteira” não é uma fronteira: nem histórica, nem étnica, nem econômica; um fio de metal plantado ao acaso onde nada termina nem começa, uma divisão arbitrária, uma amputação... estranha à natureza, à lei e à lógica” (THOMPSON, M. Pg. 24). Como pode ser visto nos dois exemplos, existia uma grande indignação em relação à forma como a fronteira da Itália e Áustria-Hungria se tornou após a Terceira Guerra de Independência Italiana, tornando-se um símbolo para os irredentistas que a guerra contra seus rivais estava longe de terminar.

A ideia de recuperar esses territórios para a Itália contou com grande apoio de certas camadas da sociedade, especialmente das classes mais altas, o que será mostrado por que, mais adiante, entretanto, os governos da Itália nos anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial sacrificaram esses sonhos para agradar com as outras Grandes Potências, buscando outros empreendimentos fora da

Europa como a colonização na África, junto com as guerras contra a Etiópia em 1895 e os otomanos em 1911 como forma de obter seus objetivos como aumentar o prestígio do país e o receber o reconhecimento da Itália como uma das Grandes Potências sem se arriscar contra a Áustria-Hungria, um país que era respeitado e um ávido participante nos jogos políticos da Europa.

Todas essas ambições irredentistas sofreriam um duro abalo quando a Itália, em 1882, fez o que seria por muito tempo o joelho da morte dos irredentistas: optou por aderir à Tríplice Aliança, se juntando com o Império Alemão, uma nação amiga desde a Terceira Guerra de Independência, e o Império Austro-Húngaro, seu alvo e inimigo, criando um sentimento de desilusão nos homens que ainda acreditavam nos ideais irredentistas. As razões que fizeram a Itália fazer tomar essa decisão foi porque, se a Itália queria construir um papel no exterior, precisava de aliados significativos e, com a Alemanha ao seu lado, poderia ter um apoiador poderoso contra a França e a Grã-Bretanha, que eram seus rivais mais perigosos na corrida por colônias na África, e os laços com a Áustria sendo um preço que teriam que aceitar.

Para entender como o governo italiano tomou essa decisão sem sofrer represálias, foi porque a maioria da opinião pública, bem como a diplomática, acreditavam que a unificação italiana tinha sido completada em 1870 com a captura de Roma. No entanto, embora parecesse não haver esperança para o Irredentismo, a situação política mudaria drasticamente em grande ritmo quando um jovem bósnio chamado Gavrilo Princip matou o herdeiro austro-húngaro na cidade de Sarajevo, o que levaria em pouquíssimo tempo a eclosão da Primeira Guerra Mundial, criando uma oportunidade para que esses sonhos se tornassem realidade.

Após apresentar os interesses territoriais dos irredentistas, é preciso retratar também que além desses objetivos, de recuperar as terras legitimamente italianas e de libertar seus irmãos italianos do jugo da Áustria-Hungria, existia também o pensamento de que a Itália tinha que se lançar a luta o quanto antes, não apenas para ampliar suas fronteiras, mas para fortalecer a nação. Segundo eles, na fornalha da guerra, as diferenças provinciais da Itália se misturariam e endureceriam em uma liga nacional. Quanto maior o sacrifício, maiores os

dividendos. Eles acreditavam que uma guerra traria glória e honra para a Itália, e que traria também benefícios para a sociedade que acreditavam estar debilitada.

Depois de explicar a trajetória do Irredentismo até a Primeira Guerra Mundial e os seus princípios, é necessário apresentar quais camadas da sociedade italiana tinham uma visão mais favorável a ele e os seus motivos disso, e aqueles que não viam com bons olhos o que os irredentistas afirmavam estar lutando, juntamente com as razões desse desprezo. Dentro da sociedade italiana, as partes que viam esses ideais com bons olhos eram as classes mais altas, a classe média e a burguesia, principalmente aquelas que recebiam uma educação estatal. Em sua obra “The Construction of a Masculine Warrior Ideal in the Italian Narratives of the First World War, 1915-68”, Mario Mondini apresenta ao leitor minuciosamente como a educação da época influenciou a geração que derramaria sangue pela Itália nas trincheiras, acreditando que tinham um dever patriótico com sua pátria:

"O forte ethos patriótico dos jovens italianos no início do século XX foi o resultado da educação patriótica que o sistema escolar estatal (e especialmente o 'liceo classico', a escola secundária especializada em estudos clássicos) havia aperfeiçoado durante os últimos décadas do século XIX. O ensino de história foi concebido como um meio de transmitir aos alunos o passado glorioso da nação italiana, cujo legado remontava à Roma Antiga. O ensino da literatura baseou-se no estudo dos textos canônicos dos épos do Risorgimento: a poesia de autores patrióticos românticos e a escrita de Alessandro Manzoni. A formação dos jovens girava em torno de uma “religião da pátria” nacional e laica. (MONDINI)

Como visto acima, a educação teve enorme importância para a difusão de ideias que buscavam criar uma identidade nacional para unir os italianos antes fragmentados em prol de um Estado único e unificado, os autoproclamados herdeiros de Roma. Nesta 'religião' secular, o culto dos pais fundadores do Risorgimento era de imensa importância, pois a 'geração de 1915', como diz Mondini, cresceu com a mentalidade de que tinham um dever com a família, que deviam ser dignos das expectativas de suas famílias e ser herdeiros honrosos de

seus pais e avós, que em seu tempo, lutaram nos campos de batalha para construir uma Itália unida. Não apenas isso, eles também foram ensinados a esperar um “juízo de fogo” militar que colocaria toda a geração à prova, onde eles experimentaríamos uma jornada completamente diferente para longe da monotonia da vida civil burguesa e completariam um Risorgimento ainda inacabado contra os odiados austro-húngaros. Esses ideais ficariam impregnados nas mentes dos jovens educados desde sistema escolar de dezoito a vinte anos, que compunham a espinha dorsal dos oficiais da reserva da Itália.

Nas palavras de Giovanni Bassi, um dos jovens que, segundo Mondini, estavam sintonizados com os escritos românticos de líderes do Risorgimento como Giuseppe Mazzini, Carducci e Garibaldi, e que lutaram na frente italiana: “Esta é a guerra que temos sonhado quando crianças, quando nossos primeiros livros nos ensinaram a detestar o exército austríaco”. Isso mostra como os filhos dessas camadas da sociedade, a classe média e a burguesia abastada, lideravam a vanguarda pró guerra em nome de uma Itália Irridenta para finalmente derrotar os odiados austro-húngaros em uma “Quarta Guerra de Independência Italiana” que libertaria seus irmãos italianos da opressão dos Habsburgos. Ao mesmo tempo que eles tinham essa visão idealística da guerra, esses jovens, tipicamente ex-estudantes universitários, viam no exército como uma válvula na escape da sua antiga vida ordinária burguesa, confortável e segura, fazendo uma transição para um novo mundo, onde eles se inserem em uma nova ‘família’ que, na mente deles, é pura, inquebrável e genuína, uma verdadeira camaradagem de soldados que estão fazendo sua parte para honrar suas famílias e sua pátria, demonstrando valor e força de vontade ao extremo.

Depois de explicar as camadas da sociedade que apoiavam o Irredentismo e seus ideais, é hora de apresentar aqueles que eram contra eles, que viam com apreensão os irredentistas e achavam seus ideais completamente fora da realidade. Estas eram as classes mais baixas, os agricultores agrários, os artesãos e as massas, os que foram recrutados às centenas de milhares para lutar na Primeira Guerra Mundial no serviço militar obrigatório. As razões para este repúdio eram muitas, que incluem o medo da fome e da peste, o fato de que o sistema educacional estadual que era tão influente nas classes superiores era completamente ineficaz para eles, deixando a maioria da população analfabeta, as

colheitas ruins que estavam causando descontentamento e alarme, as diferenças provinciais na Itália entre o Norte e o Sul, com as pessoas da região da Sicília não tendo o mesmo rancor que as do norte por exemplo, e muito mais.

Para resumir, a sociedade italiana estava profundamente dividida entre aqueles que viam a guerra que o Irredentismo tanto aclamava com bons olhos, que acreditavam que ela seria uma grande jornada que finalmente terminaria o glorioso processo do Risorgimento, e aqueles que a viam como algo a ser evitado, que os problemas que enfrentavam eram muito mais importantes do que uma guerra que os exacerbaria e traria miséria à Itália. No entanto, é necessário explicar que na Itália, apesar dessa diferença, a maior parte da opinião popular estava completamente decidida na neutralidade do país quando eclodiu a Primeira Guerra Mundial, e o governo da Itália escolheu a não se juntar ao Império Alemão e Austro-Hungria. Nesse cenário, os camponeses e os italianos de classe média estavam unidos pela primeira vez, apesar destes últimos fornecerem a maior parte da paixão pró-guerra. Eles preferiram permanecer neutros e deixar seus rivais matarem uns aos outros, e na mente deles, enquanto as outras nações estavam sofrendo com a chacina que a Primeira Guerra se tornou, a Itália estaria inteira e não afetada tanto economicamente e demograficamente. A essa altura, aqueles que estavam totalmente pró-guerra eram apenas os intelectuais, que estavam elogiando a causa da guerra e do Irredentismo em suas poesias, artigos e discursos. Em seu livro, Mark Thompson explica como existia um apoio muito grande da população para a neutralidade do país, principalmente no sul, antes da entrada da Itália na guerra:

A opinião neutra era mais forte no sul, incluindo a província natal de Salandra, Puglia. Em partes da Sardenha, os camponeses e trabalhadores criticaram abertamente os belicistas. Em Nápoles, o governador calculou que 90% de todas as classes sociais eram antiguerra. Como outro governador apontou, ninguém havia invadido sua terra natal, o sul não tinha contas históricas a acertar, a colheita do ano anterior havia sido ruim e a guerra europeia havia bloqueado a emigração – a tradicional fuga da pobreza. O sul já estava sofrendo; por que alguém deveria querer uma guerra desnecessária? (THOMPSON)

1.3 Gabriele D'Annunzio e os intervencionistas

O Irredentismo foi um movimento político e popular que teve amplo apoio em certas camadas da sociedade italiana no início do século XX, com seus objetivos, heróis e ideologias sendo ensinados nas escolas de todo o país, tornando a nova geração que estava surgindo dessas instituições apoiadoras ferrenhas desses preceitos, se tornando geralmente os mais fervorosos defensores do que mais tarde seria chamada de "intervenção" contra a Áustria-Hungria. Apesar do apoio das massas ter sido essencial para que a Itália marchasse para a guerra, é preciso explicar então quais foram os líderes que lideraram o esforço social para entrada da Itália na guerra, os chamados intervencionistas, as razões pelas quais eles acreditaram que esse curso era correto, suas diferenças e o porquê deles unirem as forças apesar das suas diferenças, dando destaque para a pessoa que, através de seus discursos, levou os italianos ao frenesi, mandando-os para a guerra com um sorriso no rosto: o poeta Gabriele D'Annunzio.

Para compreender os intervencionistas, ou seja, a facção pró-guerra que se aglutinou durante o período em que a Itália decidiu permanecer neutra enquanto as Grandes Potências da Europa travavam guerra entre si, é necessário explicar sua composição e diferenças entre seus membros. Em vez de um movimento unido, eles eram compostos por mais de uma vertente política, sendo diversos e potencialmente conflitantes, possuindo membros que faziam parte dos neoconservadores, chauvinistas culturais, devotos de uma renovação da sociedade italiana através do derramamento de sangue, os industrialistas que queriam novos mercados, nacionalistas doutrinários comprometidos com a ideia de 'Grande Itália', profascistas clamando por expansão para acomodar a fértil 'raça' italiana, anti-imperialistas democráticos, revolucionários sindicalistas e outros, todos unindo forças para apoiar a entrada da Itália na guerra contra os austro-húngaros, aqueles que eles acreditavam ser a maior ameaça aos seus objetivos.

Cada um desses grupos via a entrada da Itália no conflito como o caminho que a nação devia seguir, cada um com suas justificativas. Por exemplo, no caso dos republicanos, parlamentares que desejavam o fim do sistema monárquico e a

criação de uma república, eles acreditavam que essa causa intervencionista estava cumprindo a tradição republicana da Itália, bem como suas aspirações nacionais, e mesmo se a decisão de guerrear contra a Áustria-Hungria provasse a ser um erro colossal, ela era um erro necessário, e que os verdadeiros patriotas deveriam estar prontos para cometer. No entanto, embora esses grupos possuam um grau de importância na decisão da Itália ter entrado na guerra, nenhum foi tão crucial para mudar a opinião pública a favorecer a neutralidade para a sede de sangue pró-guerra quanto o poeta Gabriele D'Annunzio.

A questão de como alcançar o amplo apoio do público era aquela que, mesmo com o apoio da imprensa, os agitadores e intelectuais não conseguiam resolver, sendo incapazes de agitar as próprias multidões. Em vez disso, eles encontraram a figura perfeita para o trabalho: o poeta Gabriele D'Annunzio, que viria a ser um importantíssimo porta-voz, um homem que no início tinha motivações parcialmente comerciais, mas logo ele se aprofundou no clima efervescente dos intervencionistas, usando discursos e sua caneta para defender a intervenção, fazendo-o com extrema veemência nas semanas anteriores à entrada da Itália na guerra. Para os italianos, ele era um herói nacional, com sua popularidade nas alturas graças às suas ousadas façanhas com aviões e torpedeiros sendo amplamente divulgadas pela imprensa. D'Annunzio, patriota declarado durante toda a vida, depois de receber a tarefa que acreditava ter sido predestinado a fazer, atacou a Áustria-Hungria com todas as suas forças, queixando-se que ela era um país que estava oprimindo a posição da Itália internacionalmente, que segundo ele tinha o dever de se afirmar como uma grande potência. Entre as características de seus discursos destaca-se um ódio a tudo o que era ordinário, enquanto a juventude era um símbolo de tudo o que era vital e magistral, invocando o espírito de abnegação como forma de amar a pátria.



Para contextualizar, apresentarei três exemplos de discursos de Gabriele D'Annunzio feitos para as multidões nesse período, todos eles escritos no livro de Mark Thompson:

“Ó abençoados são aqueles que têm, pois eles têm mais para dar, eles podem queimar mais brilhantemente. Bem-aventurados os jovens de vinte anos, puros de espírito, bem-humorados de corpo, com mãos corajosas. Bem-aventurados aqueles que, esperando com confiança, não dissipam sua força, mas a guardam na disciplina do guerreiro. Bem-aventurados aqueles que desdenham os casos de amor estéreis para serem virgens para este primeiro e último amor. Bem-aventurados os jovens que têm fome e sede de glória, porque serão saciados. Bem-aventurados os misericordiosos, pois terão sangue esplêndido para enxugar, dor radiante para atar”.

(THOMPSON)

Nesse discurso, vê-se claramente que, segundo ele, havia chegado o momento de as pessoas encontrarem a coragem de morrer pela pátria, de conquistarem a glória que tanto almejavam, que a flor da juventude estava pronta

para a grande prova que estava por vir, e que somente através do derramamento de sangue essa tarefa sagrada seria concluída. Essas palavras e muito outras deixaram os ouvintes mistificados, principalmente os estudantes. O próximo exemplo foi um discurso que ele fez na noite do dia 20 de Maio de 1915, depois que o parlamento votou pela guerra:

“A honra da Pátria está salva... Não tememos o nosso destino, mas vamos ao seu encontro, cantando... Em cada um de nós arde o espírito juvenil dos dois Cavaleiros gêmeos que guardam o Quirinale. Eles vão descer esta noite e dar de beber a seus cavalos no Tibre, sob o monte Aventino, antes de cavalgar em direção ao Isonzo que vamos ficar vermelhos de sangue bárbaro.” (THOMPSON)

Neste exemplo é mostrado que, em sua opinião, o fato de a Itália estar finalmente se juntando ao conflito, que o sangue “bárbaro” seria derramado, era evento para ser celebrado. Essa observação psicótica também demonstra como é correto dizer que ele era verdadeiramente um poeta da carnificina, que a visão que ele acreditava era algo além da racionalidade, longe do pragmatismo do passado.

No entanto, a última citação de D’Annunzio, feita na madrugada do dia 25 de Maio de 1915, após comemorar o primeiro dia da guerra, mostraria como as anteriores eram brandas em comparação:

“Nossa vigília terminou. Nossa exultação começa... A fronteira foi cruzada. O canhão ruge. A terra fuma. O Adriático está tão cinza a esta hora quanto o torpedeiro que o atravessa. Companheiros, pode ser verdade? Estamos lutando com armas, estamos travando nossa guerra, o sangue está jorrando das veias da Itália! Somos os últimos a entrar nessa luta e os primeiros já estão encontrando a glória... Começa a matança, começa a destruição. Um de nosso povo morreu no mar, outro em terra. Todas essas pessoas, que ontem se aglomeraram nas ruas e praças, exigindo ruidosamente a guerra, estão cheias de veias, cheias de sangue; e esse sangue começa a fluir... Não temos outro valor senão o do nosso sangue para ser derramado”. (THOMPSON)

A exultação que pode ser vista neste discurso de D'Annunzio é visível, o fato de que, finalmente, a Itália faria guerra contra seu inimigo mortal, e sua visão de matança em massa e sangue fumegante seria cumprida, deixou-o completamente alegre, um sentimento compartilhado por muitos. Este homem, cujos discursos mostravam-no como um dos primeiros oradores fascistas, possibilitou a um país tão dividido, cuja maioria estava unida na neutralidade, a marchar para os campos de batalha para lutar e morrer nas montanhas da frente italiana. Para muitos, o que D'Annunzio e seus comparsas fizeram foi uma loucura, com as palavras de um oficial do exército italiano em 1917, já dois anos desde a entrada da Itália no conflito, resumindo o que muitos pensavam deles e da guerra que tanto clamavam:

“Toda esta guerra tem sido um monte de mentiras [escreveu o Coronel Gatti]. Entramos na guerra porque alguns homens de autoridade, “os sonhadores”, nos jogaram nela. Eles não podiam aceitar que você não faz política sonhando. Política é realidade. Você não aposta o futuro de uma nação em um sonho, um desejo de revigoração. É idiota imaginar que a guerra pode ser um meio de cura.” (THOMPSON, Pg. 64)

Esse sentimento de revolta ficaria cada vez maior nas camadas da sociedade que não queriam estar na guerra e que queriam que a paz voltasse o mais rápido possível, tendo que arriscar suas vidas para lutar por montanhas, um fato que deixavam os soldados estupefatos pelo fato de que o governo não querendo conquistar terras aráveis, e sim regiões montanhosas cujas populações nativas não eram italianos e sim eslavos como eslovenos, algo também deixou os soldados atônitos, já que eles não estavam libertando italianos nos territórios que conquistavam, para os habitantes, eles eram invasores que estavam causando caos e tragédias em suas vidas. Assim, é possível ver como os discursos de D'Annunzio, tão reluzentes em suas alusões à glória, eram nada mais do que ilusões.

1.4 O Mito da Experiência da Guerra

Ao detalhar os mais importantes aspectos que influenciaram a entrada da Itália na Primeira Guerra Mundial, como sua história recente, seus problemas, sua sociedade e a questão do Irredentismo, é preciso agora explicar um mito que está intrinsicamente conectado com os tópicos anteriores e que foi uma das razões tanto para o entusiasmo que as pessoas tinham para guerra e para o curso do século XX, com eventos importantes como a ascensão do nazifascismo nos anos pós-guerra sendo consequências diretas dele: o Mito da Experiência da Guerra, que foi analisado profundamente por George L. Mosse em sua obra “Fallen Soldier: Reshaping the Memory of the World Wars”, escrita em 1990.

O Mito da Experiência da Guerra consiste na tentativa de muitos soldados voluntários de mascarar as duras realidades do conflito com o objetivo de encontrar um significado para as terríveis experiências que vivenciaram nas trincheiras, fazendo do conflito como se ele tivesse sido um evento significativo e até sagrado, especialmente para os governos pós-guerra como a Alemanha, que necessitavam de algo para mantê-los unidos diante dos problemas que estavam por vir. Eles iriam fazer isso através de obras escritas como poesias, diários de guerra e autobiografias que enfatizariam a honra e a glória do conflito, com as festas para celebrar os mártires da nação sendo uma das formas utilizadas para manter essa visão aceitável e aclamada pela população. Assim, ele pretendia substituir a realidade da guerra, com sua memória sendo remodelada como uma experiência sagrada que havia fornecido à nação uma nova profundidade de sentimento religioso, colocando à sua disposição santos e mártires sempre presentes, locais de culto como cemitérios e uma herança a ser imitada pelas gerações futuras. Assim, o seu objetivo principal era tornar aceitável um passado inerentemente intragável, importante não apenas para consolação das pessoas, mas acima de tudo para a justificação da nação em nome da qual a guerra havia sido travada.

Para começar, é preciso explicar quando o mito foi criado e as condições que fizeram ser possíveis a sua existência: ele foi criado durante as Guerras Revolucionárias Francesas pelos jovens voluntários dos recém-criados exércitos

de cidadãos, que na época eram necessários para defender a nação de inimigos estrangeiros. Esses jovens, em sua maioria letrados e membros das classes média e alta, estavam vendo com júbilo os acontecimentos da revolução. Assim, eles entraram correndo avidamente nas fileiras do exército, formando uma base forte e unida em seu compromisso e lealdade à causa dos revolucionários. Já naquele período, uma ideia estava influenciando as ações desses jovens no fato de estarem felizes com o conflito, e que influenciaria no futuro para o apoio popular para a Primeira Guerra Mundial: o fato de acreditarem que somente através da guerra, eles conseguiriam uma regeneração pessoal e nacional, com o objetivo de se desvencilhar de uma sociedade que acreditavam estar petrificada e que os deixavam constrangidos. Assim, através do combate, o jovens iriam encontrar uma forma de fugir da monotonia da vida cotidiana e encontrar algo extraordinário, uma comunidade ideal onde eles iriam atingir um estado de masculinidade absoluta e zênite.

Antes da revolução, o exército era considerado um lugar onde só os pobres, criminosos e mercenários se juntavam, era vista como uma das carreiras mais detestadas da sociedade, com esses jovens vendo os membros das forças armadas como indiferentes com a causa pela qual lutavam, cuidando apenas para fins monetários. Além disso, eles estavam lutando pelo rei em guerras dinásticas que buscavam defender ou aumentar o seu poder, algo que não era cativante para o povo que almejava um objetivo maior. No entanto, a chegada da Revolução Francesa e a criação de um novo tipo de exército, composto por cidadãos que defenderiam a nação, mudou isso, com o soldado se tornando uma profissão respeitável e honrosa, com seus membros sendo vistos pelo povo como heróis e celebrados em festivais como defensores da França. Não só isso, mas o tipo de guerra também mudou, com os soldados agora lutando por um ideal que englobava o país, com símbolos como a Marselha e a bandeira Tricolor reunindo os franceses em uma causa pela qual eles consideravam valer a pena lutar. O fato de que o serviço militar se tornou uma profissão respeitável é muito importante para entender como o mito era visto pelas chamadas camadas respeitáveis da sociedade, as classes média e alta, que foram as que acreditavam os valores do mito e assim viam no exército a forma de adquirir os seus objetivos, com os símbolos sendo peça-chave para eles se reunirem em torno da causa.

Nesse novo ambiente, como esses jovens soldados voluntários, membros das classes média e alta, eram educados, algo que era um luxo na população francesa, eles se viram como porta-vozes de todos os soldados, decididos a explicar o que acreditavam ser as glórias do conflito e da honra que a guerra trazia tanto para o ser humano quanto para a sociedade, consagrando essa visão na psique europeia, fazendo com que a juventude da Europa esteja impregnada com esses ideais. O mito permaneceria enraizado pelas próximas décadas, mas foi somente com o evento marcante da Primeira Guerra Mundial que ele atingiu o seu patamar mais influente.

A Primeira Guerra Mundial daria ao Mito da Experiência de Guerra sua mais plena expressão e apelo em sua tentativa de direcionar a memória humana dos horrores para o significado e a glória da guerra. Os símbolos que deveriam moldar o Mito da Experiência de Guerra e tornar o abstrato concreto, vinham tomando forma há mais de um século e agora estavam totalmente em vigor. Ao mesmo tempo, enquanto as guerras anteriores haviam visto dezenas de milhares de mortos, nada havia preparado a geração de 1914 para o confronto com a morte em massa que os aguardava. Ela deu então ao Mito da Experiência de Guerra um novo poder cujas consequências políticas se fariam sentir nos próximos anos. Para os que clamavam a guerra nesse período, principalmente a geração que se voluntariou alegremente quando o conflito eclodiu, ela deveria trazer uma mudança fundamental, realizando o chamado sonho da juventude: criar um homem que poria fim à complacência burguesa, tirania e hipocrisia.

Um motivo muito importante para o apoio dos jovens para o mito era a chamada “masculinidade”, que na época significava patriotismo, coragem, energia, proeza física, a idealização do vigor e da energia da juventude, que buscava lutar contra a complacência existente na sociedade e que através da guerra, atingiriam uma regeneração pessoal, ou seja, uma infusão de vigor, energia e entusiasmo, e na nacional eles criariam um futuro melhor para a nação que tanto se orgulhavam. O método mais importante para que esses ideais estivessem presentes na mente desses jovens era a educação, onde o nacionalismo era prevalescente, e como foi visto anteriormente, na Itália a educação estatal tinha um objetivo de ensinar aos jovens a chamada “religião da pátria”, os cultos aos fundadores do Risorgimento e o legado da Roma Antiga sob o novo país.

Ao analisar todas as partes principais que formavam do mito antes do conflito, é necessário explicar como a Primeira Guerra Mundial e sua carnificina influenciou o desenvolvimento dele e transformou de uma forma que o tornou completamente diferente do que era antes. No início, as pessoas acreditavam que a guerra seria como aquelas que as pessoas tanto romantizavam, que seria um confronto rápido, com poucas baixas, com o sucesso sendo decidido através da força de vontade e ousadia dos soldados. Entretanto, com o avanço da tecnologia militar como as metralhadoras e artilharia pesada, fariam esses jovens vivenciar uma chacina nunca vista antes, onde a morte estava por todo lado, junto da lama, doenças e ratos.

O entusiasmo existente em 1914 se tornou a desilusão de 1916, com a Primeira Guerra introduzindo uma nova dimensão à morte na guerra, com os combatentes sendo confrontados não apenas com a morte nos campos de batalha, mas também como parte da vida cotidiana nas trincheiras. Estas, consideradas pelos veteranos como um mundo em si, onde seus habitantes tinham que vivenciar os seus horrores diariamente, causando desilusão em muitos, enquanto em outros a fé no mito era inabalável, mistificando tanto as batalhas como a Primeira de Marne, aquela que salvou Paris dos alemães, quanto os honrosos mortos, que estavam representando as qualidades masculinas e seu amor à pátria através do sacrifício final. Não só isso, eles se viam como uma geração à parte devido ao fato de se sentirem completamente diferentes dos civis, gerando um sentimento de que estavam tinham uma missão especial para cumprir.

Nesse contexto, a morte estava sempre presente, com os homens enfrentando-a diariamente em todos os lugares, em batalha, em repouso, o mundo das trincheiras era rodeado de mortos. Para achar maneiras de deixar o conflito mais bem-visto, foram utilizados meios cristãos tradicionais de consolação, a crença na morte e ressurreição de Cristo e temas da antiguidade para retratar a morte na guerra como se fosse uma coisa honrosa, onde os mortos se tornaram símbolos de bravura e amor pela pátria, criando uma alegação de que soldados que pereceram tinham caído, mas não morrido, ‘vivendo’ entre os vivos para continuar o trabalho de purificação nacional. Os locais que teriam maior influência disso foram os cemitérios e monumentos militares, que eram frequentemente dominados por grandes estátuas clássicas que representavam os

heroicos mortos e que com o tempo ganharam uma imensa importância como locais de descanso dos valorosos heróis da pátria. Para explicar como funcionava toda essa crença na morte, George L. Mosse explica sobre o chamado 'Natal de Guerra':

O "Natal de Guerra" desempenhou um papel importante durante a guerra, e assim como seu espírito entre os vivos foi cooptado para a batalha, os caídos como parte do cânone cristão simbolizavam não a paz eterna, mas o sacrifício alegre. O que foi chamado de teologia da guerra - essencialmente que quem é fiel à sua família e à sua pátria, servindo ao seu monarca terreno, serve também a Deus e a Cristo - já era tradicional e assumido, tornando-se assim parte do Mito da Experiência da Guerra: para manter uma memória gloriosa viva e exortar a juventude do pós-guerra a buscar a mesma glória. No entanto, a função mais importante dessa piedade popular durante e depois da guerra era ajudar a superar o medo da morte e do morrer. A expectativa de uma vida eterna e significativa - a continuação de uma missão patriótica - não apenas parecia transcender a própria morte, mas também inspirava a vida antes da morte. (MOSSE)

Ao mesmo tempo em que havia uma imensa desilusão nos soldados que estavam sofrendo aquela terrível situação, um aspecto da vida nas trincheiras apareceria, com imensa importância para o desenvolvimento do mito durante o conflito e nos anos pós-guerra: a camaradagem dos soldados em um esquadrão vivendo juntos e dependendo uns dos outros para a sobrevivência, que para muitos foi uma experiência positiva que para muitos aderentes do mito, era importantíssimo, pois eles ansiavam por algum tipo de comunidade significativa no mundo moderno como um antídoto para um sentimento generalizado de solidão, e que com o tempo se tornaria a parte mais sedutora do Mito da Experiência da Guerra pelo fato de que ao mesmo tempo em que os veteranos tentaram esquecer os anos trágicos da guerra o mais rápido possível e voltar para a vida civil, muitos deles se lembravam da segurança, do propósito e do companheirismo durante a guerra, com muitos deles relembrando os anos de confronto como os mais felizes de suas vidas. Para Mosse, esse sentimento não

era simplesmente nostalgia, se tratando da forma que essas pessoas tinham de atribuir um significado positivo à vida nas trincheiras.

Em seu livro, Mosse afirma que somente a experiência dos homens que lutaram na Primeira Guerra Mundial influenciou o desenvolvimento do mito, com ele sendo centrado na busca pela masculinidade, com as mulheres permanecendo passivas apesar da importância delas para os soldados como enfermeiras. Entretanto, segundo a pesquisadora Myrtle L. Castro, os elementos que compõem o mito da experiência da guerra também podem derivar das experiências dos não combatentes, especialmente as mulheres, que compartilhavam do mesmo sentimento patriótico e romântico dos homens e, quando véu sobre suas cabeças em relação a guerra desapareceu, quando viram com os próprios olhos os horrores da guerra de trincheiras, elas temiam os mesmos medos que os homens e tiveram papéis importantes no front, fazendo com que suas experiências, segundo Castro, contribuíssem para o desenvolvimento do mito, refutando a afirmação de Mosse de que o mito era somente de origem masculina.

O mito da experiência da guerra, em sua plenitude, foi ampliado de forma estrondosa pela Primeira Guerra Mundial, atingindo um patamar de importância altíssimo para diversos países da Europa, especialmente para os países derrotados como a Alemanha, que nos anos pós-guerra foi levado à beira do caos pela transição da guerra para a paz. Na Itália, entretanto, foi uma das nações vitoriosas da guerra, sendo uma das grandes líderes que assinaram no Tratado de Versalhes, ganhando assim territórios tão almejados pelos irredentistas. Entretanto, a Itália foi um dos países que mais abraçaram o mito, com o fascismo entrando logo em cena para tomar controle do mito pelo país e espalhá-lo pela população.

O motivo disso foi o fato de que, apesar da Itália ter emergido como um dos países vencedores, ela reagiu de forma completamente negativa ao resultado das negociações, não alcançando a maioria de seus objetivos principais de guerra, enfrentando a oposição de muitos países como os Estados Unidos do presidente Wilson. Ao ver isso, juntamente com a sensação de exaustão e imensa perda que as graves baixas causaram na população italiana, com que a Itália se comportasse politicamente como se tivesse sido um dos perdedores, com homens como D'Annunzio fomentando a raiva na opinião pública ao encorajarem a visão de que

seus aliados estavam traindo-os, que eles tinham sido enganados da justa recompensa deles pelos sacrifícios que fizeram na guerra.

Esse sentimento de raiva e consternação sobre as disposições do tratado, juntamente com perda de confiança nas frágeis instituições liberais democráticas pela população fez com que o caminho para a entrada do fascismo no comando da Itália estivesse aberto, com Mussolini contando com o apoio de veteranos irritados e ressentidos, que sentiam que mesmo após o sacrifício deles pela Itália, eles tinham sido privados de sua justa recompensa.

Após conquistar o poder devido ao caos que a Itália estava passando nos anos pós-guerra, os fascismo de Benito Mussolini precisava fazer com que a experiência que tanto marcou os veteranos de guerra tivesse um significado além da carnificina. Para os fascistas, era preciso apagar os horrores do conflito e ressaltar os benefícios que ela gerou, e foi assim que a Itália de Benito Mussolini se apoderou do mito da experiência da guerra para criar uma versão oficial da parte da Itália na Grande Guerra, usando a propaganda, educação estatal e financiando escritores que lutaram no conflito e tinham as mesmas visões que eles para embelezar tanto a guerra como o exército, ressaltando a irmandade de soldados, dos oficiais tratando seus subordinados como filhos, ou seja, criando uma visão idílica desses anos tão destrutivos. Assim, o mito se tornou uma base chave para entender a Itália de Mussolini, um país que reprimiu qualquer opinião diferente da oficial e que foi completamente transformado pela guerra e pelo mito.

2. Análise da obra ‘Um ano sobre o altiplano’ de Emilio Lussu

2.1 Quem era Emilio Lussu?

Ao procurar por autores que lutaram na Primeira Guerra Mundial e escreveram sobre as suas experiências, Emilio Lussu está entre os mais desconhecidos, entretanto, nos dias atuais, seu livro está ganhando cada vez mais notoriedade e modernidade, com seu conteúdo se tornando mais apreciado e entendido décadas após seu lançamento. O livro ‘Um ano sobre o altiplano’ é a obra que será desenvolvida neste capítulo, mas antes disso, é preciso introduzir a figura de Emilio Lussu, um homem cuja mudança de opinião sobre a guerra ao longo de sua vida é um tema de ampla discussão entre os pesquisadores.

Emilio Lussu nasceu em 4 de dezembro de 1890 em Armungia, uma comuna da província de Cagliari, na Sardenha. Ele era filho de pequenos proprietários de terras e, graças a isso, ele conseguiu ter uma boa educação, tendo sua educação primária no internato dos salesianos na comuna de Lanuseim, e depois na escola secundária Terenzio Mamiani em Roma. Ao se graduar na escola, ele se matriculou em novembro de 1910 na Faculdade de Direito da Universidade de Cagliari, onde ele fez parte do movimento interventista da sua universidade, se identificando com os democratas que desejavam que a Itália entrasse na guerra. Assim, é possível ver como ele fazia parte desse grupo de jovens estudantes que ansiavam pela guerra por diversos motivos, que no seu caso era por ambições territoriais do irredentismo, Trento e Trieste, e para derrotar os regimes antidemocráticos da Alemanha e da Áustria-Hungria. Ele permaneceria naquele ambiente por quatro anos até que, em 1914, recém-egresso da faculdade, ele decide se alistar no exército italiano, antes mesmo da entrada do seu país na Primeira Guerra Mundial.

Nos anos de guerra, Lussu, como oficial da *‘Brigata Meccanizzata Sassari’*, a Brigada Sassari, participou ativamente das batalhas nas montanhas do altiplano do Asiago contra o exército austro-húngaro, enfrentando-o até o fim da guerra em 1918. Esse período foi extremamente importante para Lussu, onde várias de suas percepções e opiniões pré-guerra se esvaneceram após os terríveis

combates e as condições árduas no front. Com o fim do conflito, ele adentrou a área da política na Sardenha, utilizando seu prestígio e popularidade com o povo da ilha que ele tinha devido às histórias dos veteranos que lutaram ao seu lado. Em seguida, ele foi um dos fundadores do *Partito d'Azione*, um partido de filosofia socialista, e depois foi eleito para a Câmara dos Deputados em 1921, um ano antes da Marcha sobre Roma de Benito Mussolini e dos camisas-negras.

Entre os anos 1921 e 1926, Emilio Lussu foi um dos mais ávidos inimigos do fascismo, com sua posição antifascista sendo uma das mais radicais da época. Um evento nesse período que ele fez parte da Secessão do Aventino, sendo um dos 130 deputados de vários partidos de oposição que saíram da Câmara em protesto ao papel fascista na morte do colega deputado Giacomo Matteoti, um dos principais nomes que denunciavam o autoritarismo fascista. Mesmo não atingindo sucesso, com os suspeitos do ato sendo anistiados pelo rei, essa ação e a sua constante oposição aos fascistas fez de Lussu uma vítima de ataques de agressores desconhecidos diversas vezes, até que em 1926, em uma dessas agressões, Lussu matou a tiros um dos 'squadristas' fascistas que estavam sitiando a sua casa em defesa pessoal, sendo preso, julgado por assassinado e logo em seguida absolvido, entretanto, ele foi julgado novamente, desta vez por um júri fascista, que o condenou em 1927 a cinco anos de prisão na ilha de Lipari, perto da Sicília.

Ele permaneceria preso por dois anos, conseguindo escapar para França em julho de 1929 com outros dois presos, sendo recebido em Paris, local que reunia um número grande de exilados italianos que faziam oposição ao fascismo. Na capital francesa, ele formou, junto com homens como Carlo Rosselli e Gaetano Salvemini, um movimento de resistência antifascista chamado *Giustizia e Libertà*, um movimento cujos membros tinham opiniões políticas diversas, mas compartilhavam uma crença na oposição ativa ao fascismo.

Nos anos seguintes ele continuaria sua oposição ao fascismo, participando brevemente na Guerra Civil Espanhola pelo lado dos republicanos, entretanto, o fato mais importante para este trabalho é o fato que em 1938, um ano antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, ele publicou a sua obra mais importante, um livro que contaria a sua experiência na Grande Guerra, um livro que traria a luz um área um retrato completamente diferente sobre a Campanha Italiana da visão

dominante naquele período: *Un anno sull'Altipian*, em português, um ano sobre o altiplano.



2.2 O livro de Emilio Lussu e suas características principais

O livro “Um ano sobre o altiplano”, escrito por Emilio Lussu em seu exílio em Paris entre 1936 e 1937, tem como objetivo retratar, segundo o autor, de um simples testemunho italiano da grande guerra, onde ele expõe ao leitor sua experiência como oficial do exército italiano entre os anos 1916 e 1917. Dentro da obra, são apresentados temas importantes que nos ajudam a entender essa área muito desconhecida da Primeira Guerra Mundial, como os detalhes do dia a dia dos soldados italianos ao redor de Lussu, o impacto que a vida nas trincheiras causava nessas pessoas, a irracionalidade das decisões no front, a insensatez da guerra, a disciplina militar exacerbada e suas consequências para os soldados e outros tópicos que por muito tempo seriam deixados de lado, não recebendo a devida atenção por muitas décadas. A forma que ele conseguiu fazer isso foi através de um estilo jornalístico, onde cada um dos capítulos são situações diferentes da sua vida no altiplano do Asiago no período de 1916 a 1917.

Ao contrário da maioria das autobiografias feitas pela juventude que lutou no conflito, o livro de Lussu, ao mesmo tempo em que é um relato de memórias, ele é considerado como uma ficção histórica, devido ao fato de, segundo a crítica

historiográfica, existir uma série de inconsistências em relação a certos eventos e ao fato de que alguns personagens importantes para a trama como o general Leone serem baseados em pessoas reais. Mesmo assim, a obra de Lussu permanece como um dos principais livros que retratam da participação da Itália na sangrenta Primeira Guerra Mundial, ao escrever, segundo suas palavras, somente o que viu e o que causou fortes impressões, não permitindo, segundo suas palavras, que suas experiências pós-guerra influenciem o que estava no livro, retratando assim de descrever a guerra de como ele e os soldados ao seu lado viam e acreditavam na época. Entretanto, veremos mais para frente que essa sua afirmação pode ser posta em questão, devido ao período que o livro foi escrito e de como ele serve para desconstruir a visão fascista da Primeira Guerra Mundial e da experiência da Itália nela.

Após explicar o que é apresentado dentro de sua obra, é necessário mostrar os principais objetivos do livro: ele tem um caráter visivelmente contra a guerra, um conflito que ele apoiava enquanto estava na universidade, fazendo do livro um tipo de penitência de Lussu por ter apoiado tamanha tragédia, apresentando sobriamente o que a guerra no altiplano realmente foi em seus momentos mais cruéis. Não só isso é possível ver que, ao mesmo tempo em que essa temática está dentro de sua obra, ela não é o foco principal, sendo este mostrar o ponto de vista dos soldados que estavam ao seu lado, aqueles que enfrentaram uma experiência nunca imaginada antes, a guerra moderna das trincheiras.

Ao mostrar como ela afetou a vida desses homens, e como esses soldados, que em sua maioria eram camponeses, estavam lutando uma guerra em que não conseguiam compreender o seu motivo, ele está assim dando uma voz para essas pessoas que não eram autômatos, tendo encarado os horrores da guerra e ao saírem, nunca mais foram às mesmas. Ao mesmo tempo, ele explica a ineptidão e incapacidade dos generais e comandantes italianos em campo para conceber e implementar táticas que os permitissem fazer qualquer coisa, exceto jogar mais soldados na carnificina, coisa que Lussu presenciou diversas vezes no livro.

Antes de adentrar nos principais grupos que movimentaram a trama, os soldados e os oficiais, é preciso apresentar um elemento que foi utilizado com muita frequência por Lussu para movimentar a sua narrativa e de certa forma

justificar as ações de muitos personagens da trama: o conhaque, a bebida alcoólica cuja importância foi trabalhada pelo jornalista italiano Umberto Rossi em seu artigo “The Alcoholics of War: Experiencing Chemical and Ideological Drunkenness in Emilio Lussu’s “Un anno sull’altipiano””. Em seu trabalho, Rossi apresenta como o conhaque foi uma peça-chave tanto para as ações dos personagens, principalmente dos soldados e oficiais de campo que guerreavam nas trincheiras, sendo a bebida a forma de muitos de lidar com os horrores que estavam vivenciando, como para explicar as estratégias narrativas que Lussu utilizou em seu livro. Para melhor explicar como o conhaque tem importância na narrativa de Lussu, Rossi expõe a sua importância:

“Graças ao ponto de vista sóbrio do narrador abstinente em meio a uma multidão de personagens em perene estado alterado, as cenas de embriaguez são efetivamente realçadas. Em seu livro não se pode escapar da sensação de absurdo da guerra, sendo que a maioria dos acontecimentos que ocorrem sob o olhar do tenente são absurdos: a estratégia geral é absurda, os menores fatos cotidianos são absurdos. O absurdo está em toda parte.”

O fato do Lussu, enquanto estava no conflito, era completamente sóbrio, recusando beber o conhaque que recebia e dando a quem precisava, faz mostrar como os seus companheiros estavam alterados, e como a embriaguez se tornou uma forma de apresentar o absurdo do conflito, e de como a descrição realista das ações das pessoas embriagadas deixam o leitor estupefato pela forma de como os soldados tiveram que procurar maneiras de se anestesiarem para se proteger o estresse psicológico e do trauma causados pelo terrível massacre mecânico que acontecia nas trincheiras.

Ao mesmo tempo que muitos desses homens, que almejavam buscar um significado para a experiência deles, foram os principais autores apoiadores do fascismo, escrevendo sobre essa visão mais fantasiosa e idílica que mais tarde faria parte do mito da experiência da guerra, o Lussu fez o contrário, decidindo fazer uma grave oposição a esse ponto de vista ao escrever de forma realista e concisa o que

realmente acontecia nas trincheiras, fazendo o seu livro uma das principais obras da literatura italiana.

2.3 Os soldados, os oficiais e a literatura de dissidência

Após explicar quais são as características gerais da obra de Lussu, é preciso explicar sobre os dois grupos de pessoas cujas interações entre si e como cada um reagem ao matadouro da guerra, fazendo assim grande parte da trama: os soldados e os oficiais de alta patente. O primeiro grupo é o principal alvo de Lussu ao escrever o seu livro, aqueles com que ele vivia no dia a dia nas trincheiras e que guerreavam ao seu lado na hora do temido assalto as trincheiras inimigas. A sua unidade, a Brigada Sassari, tem sua particularidade pelo fato dela ser a única no exército italiano pelo fato dela ser composta por apenas por sardos, mantendo sua unidade regional em comparação com outras unidades que o governo italiano decidiu unir pessoas de diferentes regiões como sicilianos e piemonteses como forma de fazer uma italianização e assim criar uma unidade nacional firme que uniria todos os italianos, como era o objetivo dos irredentistas.

Os soldados, aqueles que estavam lutando ao lado de Lussu e que estavam servindo nas trincheiras, eram em sua grande maioria camponeses analfabetos que não conseguiam entender o motivo deles estarem morrendo aos milhares em combates e que foram conscritos contra a vontade deles. No livro, Lussu retrata de como esses homens viveram o dia a dia nas trincheiras, de como eles reagem aos temíveis assaltos, momentos em que eles são postos para fora da ‘calma’ e segurança da vida no ‘front’ para o medo e terror que surge quando eles correm das suas posições para as inimigas, sendo alvejados pelos austro-húngaros em seus fuzis e metralhadoras. Esse terror temporário era um dos aspectos mais importantes que eles tinham que conviver, tendo a noção de que mesmo que a vida que estavam se acostumando com a sujeira, privação, exaustão e o frio eram infinitamente mais confortáveis do que ter que sair dela, tendo a consciência de que estavam à mercê dos inimigos.

No início do livro, a brigada de Lussu foi mandada em direção ao Altiplano do Asiago para impedir o avanço austro-húngaro, deixando para trás a região do Carso onde eles tinham até então. Para Lussu e os outros soldados, o fato deles estarem indo para as montanhas era excelente para Lussu e para esses soldados, tendo como perspectiva o fato de que estariam finalmente saindo da terrível guerra nas trincheiras e indo em direção as montanhas, onde eles estariam longe das condições nefastas que estavam acostumados e não iriam ter que ficar matando uns aos outros, todos os dias. Diferentemente do Carso, onde a posição italiana era cerca de dez a cinquenta metros da austro-húngara, a guerra era parecida com a que os ingleses, alemães e franceses enfrentavam na Frente Ocidental, cheia de assaltos contínuos e sem pausa. Para eles, a saída do Carso era uma benção, ao estarem saindo do matadouro sem saber que eles estavam diante de uma guerra tão sangrenta quanto a que tinham saído.

Nesse período, outro fator que influenciou o ânimo dos soldados era o fato deles associarem a guerra nas montanhas como uma guerra melhor, onde a chamada guerra de manobras seria finalmente possível. Já nesse momento, eles já estavam completamente exaustos do conflito, e quando a esperança surgiu de que ela acabaria em pouquíssimo tempo, o ânimo dos soldados que estavam marchando era alto. Para contextualizar esse sentimento, Lussu retrata a visão que tinha dessa ‘nova guerra’:

“A guerra de manobras seria outra coisa. Uma boa manobra, duzentos, trezentos mil prisioneiros, assim, em um dia só, sem aquela espantosa carnificina geral, mas resultado de apenas um genial cerco estratégico. E quem sabe, seria possível vencer e terminar para sempre a guerra.”

A guerra de manobras parecia ser o que dar um fim para a terrível experiência que estavam enfrentando, levando-os para um lugar onde eles não teriam de viver os horrores e através de um simples cerco estratégico, semelhante aos das Guerras Napoleônicas, onde eles poderiam flanquear os austro-húngaros. Entretanto, o que estava por vir era um conflito onde os soldados teriam que enfrentar não só os problemas antigos, como os inimigos, mas também novos

como o frio, avalanches, longas distâncias, a falta de mantimentos, ou seja, eles saíram de um matadouro para outro, onde estariam novamente presos à velha e antiga trincheira, onde ataques inúteis de ambos os lados causariam a morte de milhares e não conseguiriam alcançar os seus objetivos.

Um fator importantíssimo para entender as ações dos soldados é a influência do conhaque, tanto como forma de se anestesiarem dos horrores que estavam vivendo, como também para demonstrar como a bebida era um material militar tão essencial como a munição e o combustível. No artigo de jornal de Umberto Rossi “The Alcoholics of War: Experiencing Chemical and Ideological Drunkenness in Emilio Lussu’s “Un anno sull’altipiano”, ele demonstra como, ao esbanjar grandes doses de conhaque de baixa qualidade para os soldados era a forma com que o governo italiano de manter a máquina de guerra funcionando, de mantê-los obedientes e prontos para qualquer ação, mesmo que eles estejam completamente alterados, cheios de coragem e falta de senso. Para os que estavam usando essa substância, ela serve também para fazê-los viver o dia a dia e os assaltos, para fazer o seu sofrimento suportável. Para demonstrar isso, será apresentado abaixo um exemplo muito peculiar, de um oficial de baixo escalão como Lussu, que luta lado a lado com os soldados, que revela para Lussu como a bebida é necessária para sobreviver: “Eu me defendo bebendo. De outro modo já estaria num manicômio. Contra as torpezas do mundo um homem honesto se defende bebendo.”

Ao mesmo tempo em que o conhaque serve para entender o estado que a grande maioria dos soldados estava nas trincheiras e nos combates da Frente Italiana, é impossível não falar da relação entre eles e os seus oficiais de alta patente. Esses oficiais eram em sua maioria eram homens com carreira militar, que tinham estudado em academias militares e estavam presos à mentalidade da guerra do século XIX, com uma parte sendo voluntários que acreditavam nos ideais do irredentismo, sendo completamente a favor da guerra e uma paz vitoriosa para a Itália. Para os soldados, esses dois grupos estavam desassociados com a realidade, pois suas ordens mostravam que não sabiam como atingir seus objetivos ou teoricamente sabiam, lançando homens em ofensivas fúteis, deixando em seu rastro milhares de mortos, sem uma única trincheira capturada.

Apesar de suas diferenças, esses dois tipos de oficiais acreditavam sinceramente na causa da pátria, de derrotar a Áustria-Hungria, de ganhar honra e masculinidade através das chamadas da guerra e do derramamento de sangue, destruindo a decadência que acreditavam estar enraizada em seu país. Pode-se perceber que por suas ações, esses homens acreditavam que os soldados eram bucha de canhão, ignorando a mudança de guerra que veio com a criação de tecnologias como arame farpado e artilharia de longo alcance, ainda acreditando que seria por bravura, coragem e força de vontade que eles alcançariam a vitória sobre seu inimigo odiado. Dessa forma, é possível ver que os comandantes italianos eram cheios de retórica patriótica, mas baixa habilidade tática, e no livro de Lussu, os episódios trágicos onde a incompetência do seu lado era tão perigosa quanto ataques do inimigo.

Como esses oficiais, que ordenavam que os soldados morressem aos milhares em assaltos mal preparados, estavam protegidos com mais segurança atrás das linhas, essa distância entre os dois grupos, juntamente com o sentimento de desesperança, criou um sentimento de ódio nos soldados aos seus superiores, algo que foi explicado minuciosamente no artigo de Dario Marcucci “Enemy and Officers in Emilio Lussu’s Un anno sull’Altipiano”. Nele, ele explica sua visão de que as condições da guerra moderna fizeram com que os soldados italianos sentissem uma sensação de simpatia com seus inimigos austro-húngaros, gerando uma sensação de sofrimento compartilhado e de que os inimigos dos deles estavam na retaguarda, enviando-os para a morte certa, seja por meio de assaltos fúteis, ou por meio de uma disciplina extremamente dura dentro do exército.

Segundo Marcucci, o primeiro aspecto do conflito italiano que influenciou a percepção dos militares, inclusive de Lussu, foi a geografia da frente, onde os italianos não conseguiam ver seus inimigos devido ao relevo montanhoso da fronteira entre o Império Austro-Húngaro e a Itália. Outro fato da natureza da área onde guerreavam que era completamente diferente de outras, era o fato que ao se juntar com a superioridade do poder de fogo defensivo da guerra moderna, surge no Asiago o que Marcucci chama de “*live and let live attitude*”, a tendência de evitar combates inúteis por meio de acordos não oficiais, com ações como não atirar no inimigo quando ele se aventurou na terra de ninguém para recuperar corpos abatidos.

A dicotomia presente, de dois grupos opostos que guerreavam entre si, cujo ódio era fomentado pela propaganda militar, demonstra como os esforços dos oficiais, ao se portarem com cada vez mais rigidez e paranoia, utilizando até mesmo pelotões de fuzilamento em seus próprios soldados em qualquer possível abandono de dever, geravam sentimentos de simpatia e de respeito dentro dos soldados italianos com aqueles que estavam guerreando, concretizando assim a ideia de que o verdadeiro inimigo deles não eram os austro-húngaros nas trincheiras inimigas, e sim os seus oficiais. Em seu livro, Lussu exemplifica esse sentimento quando o capitão Canevaci, superior de Lussu, solta para fora o que os soldados estavam pensando: “Aqueles que comandam o exército italiano são austríacos – exclamou – Austríacos pela frente, austríacos pelas costas e austríacos entre nós!”.

O personagem que o capitão exclama contra é o General Leone, que foi inspirado no atual General Giacinto Ferrero. Ele apareceu no início do livro substituindo o ex-general da brigada de Lussu. Enquanto o general anterior, que era membro da família real italiana, era cheio de discursos retóricos e pouca ou nenhuma habilidade tática, mais de acordo com os adeptos do irredentismo, Leone era um oficial de carreira nos moldes do primeiro grupo, alguém cuja presença, para a Brigada Sassari, era como ter um inimigo em sua própria casa. Ele aterrorizou seus homens com desdém e descuido pela vida, ordenando ofensivas mesmo sabendo que só resultariam em fracasso, possuindo um temperamento fanático, duro, sádico e ousado, mantendo uma vigilância atenta sobre seus homens para qualquer possível dissidência, o que causava muitos soldados desesperança e em outros fúria da situação que estavam vivenciando. No caso de Lussu, ele demonstra seus pensamentos diante ao seu superior ao vê-lo nos olhos:

“Quando ele ergueu o corpo, seus olhos novamente se encontraram com os meus. Foi um segundo. Naquele instante veio-me à lembrança ter visto esses mesmos olhos, frios e inquietos, no manicômio da minha cidade, numa visita organizada pelo professor de Medicina Legal”.

Quando Lussu fala sobre os olhos do general Leone, ele menciona sua visita ao asilo perto de sua casa, comentando sobre os olhos frios e inquietos de seu superior. Esses olhos demonstravam a irracionalidade e o zelo aparentemente interminável de sua classe, que estava pronta para sacrificar cada um deles em busca de seu objetivo, algo que os soldados simplesmente não se importavam, tendo apenas em suas mentes o objetivo de sobreviver mais um dia. Essas diferenças de perspectiva também mostram a distância intransponível entre oficiais e soldados, o que criou cada vez mais ódio no coração dos últimos em relação aos primeiros. Para corroborar com a essa questão, o jornalista Umberto Rossi, ao fazer o seu trabalho sobre o livro de Lussu dando destaque para os efeitos da embriaguez na obra, ele retrata a figura do general Leone e como ele exemplifica um grupo:

O general Leone é a guerra, assim como os generais que a administraram mal e depois apoiaram (ou pelo menos não se opuseram realmente) ao fascismo. Leone também é porta-voz de toda a retórica e propaganda “bêbada” que exaltava a guerra. O confronto entre o narrador e Leone é o momento em que Lussu finalmente consegue se vingar da guerra que no início apoiou, mas acabou por detestar, ao simplesmente deixar o arquétipo do general falar, mostrando assim sua loucura.

Quando as diferenças e a relação hostil entre esses dois grupos do exército italiano se aglutinam, resultam em um efeito extremamente importante na vida de Lussu e de muitos outros soldados que o acompanham: o enfraquecimento da propaganda militar. Com o objetivo da manutenção da coesão do exército e para manter os homens fixos contra o inimigo, a propaganda da época se concentrava em negar a humanidade de seus inimigos, criando por sua vez uma mentalidade que constituía na ideia de “nós contra eles”, que a sobrevivência deles só poderia ser garantida através dos cadáveres dos austro-húngaros. Esse enfraquecimento causou um efeito bola de neve, pois o inimigo, aos olhos de Lussu e seus companheiros soldados, passaram a ser cada vez mais vistos como seres humanos

que sofriam com as mesmas dificuldades que eles, fazendo com que a propaganda fosse notada cada vez mais como algo falso.



Depois de explicitar todas essas características do livro de Lussu cabe elucidar como ele expõe o Mito da Experiência da Guerra, como sua obra serve, segundo Marcucci como o “Anti-Mito da literatura Italiana da Primeira Guerra Mundial”. Como a função do mito era criar uma memória do conflito que expurgasse qualquer visão antimilitarista e promovesse um legado positivo à experiência do soldado, algo que os governos totalitários da Alemanha e da Itália explorariam para promover seus interesses, Lussu o repudia completamente quando ele se posiciona politicamente contra a ideologia fascista. Apesar de alegar não permitir que suas experiências recentes influenciassem o que ele escreveu no livro, é claro que, quando ele escreve sobre a verdadeira situação da frente italiana, a sua obra é uma das representações mais realistas dessa área tão esquecida, transmitindo a dinâmica real da guerra moderna, mostrando aos leitores como ela realmente era longe da visão fantasiosa e idealista da maioria dos escritores da época. Não só isso, ele serviu, na época, como o expoente do que mais tarde seria chamado de “literatura da dissidência”.

Como visto anteriormente, poucos foram os autores como Lussu que escreveram sobre o que realmente aconteceu nas trincheiras e os reais pensamentos dos soldados ali presentes, que em sua maioria não tinham interesse

em lutar ou perpetuar a guerra, desejando apenas voltar para casa o mais rápido possível. Assim, a grande maioria dos autores perpetuou o mito da experiência da guerra e seus valores com a aprovação do governo fascista, que desejava influenciar sua população e firmar sua posição na sociedade italiana. Assim, a versão oficial excluía qualquer dissidência ou protesto contra a lógica bélica e seus principais pontos, aceitando apenas aqueles que seguiam o mesmo padrão de dar uma boa imagem ao conflito, todos instruídos e membros das classes altas, deixando a literatura italiana neste caso homogênea. Isso, por sua vez, fez com que o ponto de vista dos soldados comuns e seus escritos fossem considerados irrelevantes, com Mondini argumentando que, na época, a suposição era que o melhor que um soldado poderia fazer em seus escritos era falar sobre suas necessidades mais elementares, a educação infantil, ou o bem-estar do gado.

Essa noção, de que era lícito ignorar as opiniões dos soldados comuns, era também porque esses homens, em sua maioria hostil à intervenção e à guerra, escreveram muito sobre suas atitudes de protesto, deserção e rejeição das retóricas patrióticas e das justificativas da guerra. Essa “literatura da dissidência”, como seria chamada mais tarde, também demonstrava que a população italiana não era totalmente favorável à entrada no conflito, existindo uma grande oposição que não acreditava que existiam benefícios trazidos pelo conflito para a sociedade que justificariam tamanho derramamento de sangue, quebrando a imagem de unanimidade em favor da guerra propagada pelos fascistas. Diante disso, é correto afirmar que Lussu serve como expoente dessa literatura, sendo o primeiro a falar sobre tal tema e a ganhar notoriedade por ele, abrindo as portas para que esses escritos fossem analisados década depois enriquecendo a compreensão da forma de como a Primeira Guerra Mundial foi percebida pelas massas.

Conclusão

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise da obra do italiano Emilio Lussu intitulada “Um ano sobre o altiplano”, fazendo uso da desconstrução de conceitos como o mito da experiência da guerra e o irredentismo da Itália, com o objetivo de descobrir como o livro em si serve de exemplar do pensamento antifascista, algo que auxilia a compreensão, tanto do pensamento do autor, como das pessoas que estavam vivendo ao seu lado aquela vida nas trincheiras. Através de uma metodologia onde os documentos utilizados foram feitos por historiadores e especialistas no tema em questão, encontrados em bases de dados, foi possível fazer a estudo da obra de um homem como Emilio Lussu.

Ao analisar o que constitui esse mito e como ele foi influenciado, tanto pela carnificina da Primeira Guerra Mundial, como pela história da Itália até então que, dentro dela, inclui características como o irredentismo, é possível ver como o autor, ao escrever a sua obra enquanto estava no exílio, tendo fugido do governo fascista de Benito Mussolini, e de uma forma completamente diferente da maioria dos outros autores que apoiaram a visão desse mito, demonstra como ele serve de expoente do pensamento antifascista e como ‘anti-mito’, rasgando a barreira que a propaganda fascista estava impondo na memória italiana da Grande Guerra. Assim, é correto dizer que os objetivos desta monografia foram alcançados com êxito, com a monografia apresentando assim o verdadeiro caráter do livro como antifascista.

Durante a construção deste trabalho, foi possível ver como esse tema é muito importante para demonstrar que não existia uma homogeneidade da opinião pública diante a intervenção da Itália na guerra, com Lussu, ao escrever sobre o que os soldados ao seu lado, que na sua maioria eram pessoas pobres rurais, realmente pensavam sobre suas experiências nas trincheiras. Assim, serve não só para desmascarar a visão fascista e elucidar o que acontecia na guerra, como também para servir como a primeira obra que deu espaço para a visão dos soldados, que no período eram desconsideradas e vistas como banais.

Referências Bibliográficas